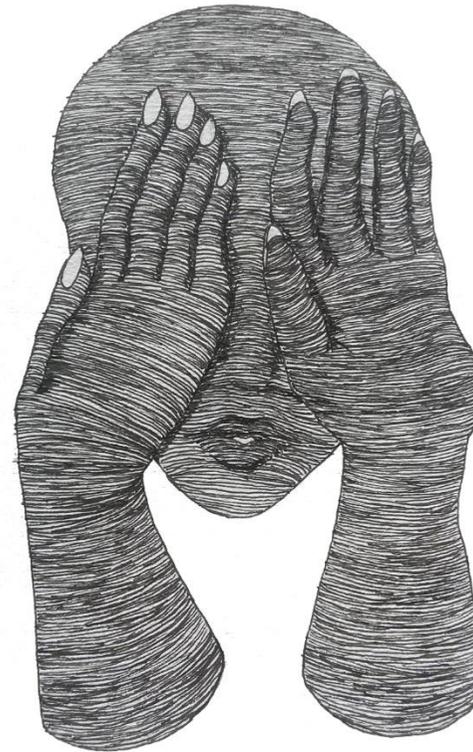


CONTEMPLAÇÕES ERRONEAS DE UM MUNDO ERRADO

POR JULIA JAROS



FENi

PROJETO PARA A DISCIPLINA ESCRITA CRIATIVA DO CURSO DE CINEMA UFSC

PROFESSOR MARCIO MARKENDORF

2016

Apresentação

Um semestre e um conto por semana, cada um com uma proposta diferente que ia se estreitando cada vez mais. Esse método me empolgava e me apavorava ao mesmo tempo. Sair da zona de conforto e conciliar com as outras disciplinas foi um grande desafio. Agora, ao final de tudo isso, posso dizer com toda certeza: valeu muito a pena.

Colocar as ideias em ordem de forma concisa não apenas para mim, mas principalmente para o leitor, foi um dos maiores desafios. As pessoas têm percepções diferentes ao ler um texto, e você precisa aprender a lidar com isso. Está escrevendo para o mundo. Finalmente compreendi o conceito de “morte do autor”, muito mais complicado na prática.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço ao professor Marcio Markendorf, esse ser humano sublime que nos orientou durante o ano.

A Fernanda Ehmke, amiga gótica que concebeu a ilustração.

Ao Bruno Viana Schroeder – Bruby Xereca – por ter me ajudado com a concepção das ideias de alguns contos.

A Anna Bianchi, parceira dos piercings e stalks que me deu várias dicas legais para aprimorar os contos.

Por fim, a minha psicóloga super supimpa que tem feito eu ver a vida de outras formas.

Sumário

Contos

Entre o céu, a terra, a mente e a ignorância	03
Sr. Estático.....	06
Idas e vindas do vai e vem.....	08
<i>Homo sapiens</i> : verdade ou mito?.....	10
Missão transcendental.....	12
Laços de sangue.....	14
Um cruzeiro chamado O Looping da Diversão.....	17
O fabuloso caso da menina morcego.....	20
Mil e uma utilidades.....	21
Roteiro: Esmerelda.....	22

Entre o céu, a terra, a mente e a ignorância

Cabeceira de madeira antiga e malcheirosa pregada vulgarmente na parede do quarto de Valéria. Enfeitava o início de uma cama que, na verdade, ninguém sabia como foi parar ali. Alguns familiares contavam que foi encontrada na rua, outros afirmavam que era da sua tia-avó, mas a garota apenas queria se livrar dela. Rangia demais com qualquer movimento e fazia suas costas doerem. Apesar dos pedidos e argumentos, sua mãe tinha sempre uma fala pronta.

“Tá pensando que eu cago dinheiro para comprar outra? Se não tá contente dorme na almofada do cachorro, tenho certeza que vai te agradar mais”.

Decidia então deixar para lá, afinal de contas, logo iria morar com seu pai e teria um novo lugar para dormir. Apesar desse benefício, não é como se fosse muito melhor morar com um paranoico psicótico em vez de uma bêbada bipolar. Seus 8 anos de vida não tinham sido nada fáceis. Então ela apenas aceitava. Não conhecia outra realidade além daquela. Dormia mal humorada e sentindo muito frio nos pés, mas era o momento preferido de seus

dias. Era a hora dos filmes desconexos passarem pelas grutas de sua mente.

Valéria possuía um segredo que recebeu por meio de um desses sonhos no ano anterior, único e exclusivamente destinado a ela no mundo: cada cama (ou o que alguns usam como cama) é transformada num portal na primeira noite que você a utiliza para dormir. O fantástico portal dos sonhos de cada um enfim se abre, onde todas as partes da mente podem se manifestar nas suas mais diversas peculiaridades. A partir daí, é como se tivesse uma ligação mental e espiritual entre os dois. Vários fatores interferem no resultado do portal de cada noite. Se você dormir de mãos abertas, terá um sonho tranquilo. Caso esteja com as mãos fechadas, acontece o contrário. Não sabia se essa era a regra para todo mundo no planeta, mas seguia à risca as instruções que o homem da barba verde lhe dera no sonho. Seus pais diziam para jamais desobedecer.

O homem da barba verde não possuía apenas a barba verde. Suas roupas, punhados de colares, seus dentes, olhos, unhas, pelos, tudo era verde. Mas o verde da barba era o que mais verde de todos. Era tão, mas tão verde, sendo praticamente insuportável olhar diretamente.

Tinha lhe dado de presente um anel que não permitia que ela fechasse as mãos. Usava-o todas as noites, porém não naquela. O gato da família, Fernandowsky, tinha o engolido. A garota observou o dia todo o ânus do animal na esperança de que seu acessório fosse de lá expelido delicadamente. Esperou em vão. Dormiu desanimada, não havia mais nada a fazer. Já estava na hora de deixar suas paranoias de lado, como os adultos lhe sugeriam frequentemente.

Ela achava estranho as pessoas grandes sempre lhe pedindo para não ter medo e ficar calma.

“É tudo invenção da tua cabeça, garota”.

Não fazia sentido eles exigirem isso sendo que faziam o mesmo. Como não sentir medo se ela sabia que a qualquer momento levaria cintadas da mãe? Como ficar calma quando seu pai dizia ver coisas que ela não via? Será que eram coisas que as crianças não entendiam? Ela achava que sim.

“Se não apanhar, não aprende a obedecer”

Era uma frase que ouvia comumente. Não entendia a necessidade disso. Machucava e a entristecia. Acreditava que um dia iria entender que era necessário, já que eles sempre diziam. Seu pai também falava que um dia ela veria coisas que agora não vê. Os olhos

das crianças não conseguem ver tudo. Isso a deixava ainda mais nervosa. Seriam materiais? Poderiam machuca-la? Achava que sim.

Deitou-se mais cedo naquela noite, já que a novela que acompanhava terminara no dia anterior. Pelo menos seria a primeira noite que dormiria sem a mãe reclamando do horário.

Ouvia ao fundo o som dos ponteiros do relógio marcando cada segundo, tirando-a do sério. Todas as noites. Todas.

“Fecha os olhos e não presta atenção ao redor, não vou parar o tempo pelos teus luxos”, a mãe gritava da cozinha.

Dormiu apreensiva. A pressão diária de seus pais acabava dia após dia com a genuinidade dentro de Valéria. Ela tinha certa noção disso. Uma noção infantil, mas tinha. Fechou as mãos e dormiu.

Sentiu seu corpo diferente. Não sabia se flutuava ou se estava em terra firme, as direções todas se confundiam e formavam um único espaço fundido e sem distinções familiares. Seria aquela uma outra realidade? Já não estava mais em sua cama. Não ouvia nada e apenas sentia um grande estranhamento misturado com espanto. Seus pensamentos tornaram-se abstratos, já não eram mais compreendidos por palavras ou imagens flutuando em sua mente, apenas pelos conceitos daquele novo mundo. Fazia parte dele.

Estava fundida nele. Não sabia mais se poderiam ser independentes um do outro. Eles eram um só. E se entendiam.

Ela de repente ganhou cor, assim como a outra presença. Violenta e cega, debatia-se a procura de Valéria, chamando-a para dançar em seu ritmo dissimulado. A menina não conseguia se mexer, agora era apenas uma consciência. Esperava desesperada o momento que seria engolida por aquela coisa, rumo ao inimaginável.

Sentiu-se abraçada. Agarrada. Sufocada. Sua vida estava se esvaindo. Sentia que a cada segundo que passava naquela unidade de tempo desconhecida, uma parte dela não existia mais.

Abriu os olhos, vidrados, encarando o teto desbotado e amarelado sem sentir o corpo. Era de manhã, mas isso ela não percebia, agora era apenas uma presença. Acordou mesmo? Ela não poderia pensar, nem se mexer. Seu corpo era seu corpo? Qual seria sua realidade depois que colocasse os pés no chão? A matéria que a compunha agora tinha fragmentos em realidades diferentes.

Inconscientemente ela se levantou, uma resposta automática rotineira de quando por completo vivia aqui. Seguiu pelo corredor sem saber o que estava fazendo e postou-se em frente à mesa do café da manhã. Não entendia as palavras que deslizavam rapidamente da

boca de sua mãe. Não sabia seu próprio nome. Era como visitar aquele mundo pela primeira vez, sentindo um forte déjà vu.

A partir desse dia, Valéria passa seus dias pintando desenhos apenas na cor verde, observando o ânus do gato e jogando qualquer relógio que vê na frente contra a parede.

O que poderia a família fazer? Oras, mais uma criança desajustada e fresca.

Sr. Estático

Minha banda, *Os tiras estão chegando*, havia atingido o auge do sucesso. Pensamos várias vezes em decretar seu fim pouco antes do estouro de fãs, mas seguimos em frente e demos sorte. Conheci a Manu em um dos meus shows de maior audiência. Ela acabou entrando pra banda e assumindo o baixo alguns meses depois de começarmos a namorar. Era a garota dos meus sonhos. Tudo corria bem até o momento que alguém da plateia atirou em todos nós durante um show na Itália, matando todos exceto o guitarrista base deixando-o com uma grande sequela no cérebro. Boatos de que o assassino era o ex-namorado obcecado da Manu ou um fã que tinha tentado jogar um tijolo em nós na semana anterior porque não tivemos tempo de dar autógrafa.

Conheci Alice um dia antes do natal. Ela trabalhava como assistente do Papai Noel no shopping próximo a minha casa, usando um vestido vermelho com rendas delicadas que corriam pelos seus braços. Pedi um dos docinhos que ela estava distribuindo, e junto recebi o seu telefone. Fiquei surpreso e liguei no dia seguinte. Seis anos depois estaríamos casados e felizes, enquanto a minha vida profissional desandava por completo depois de ser considerado

culpado pelo desmoronamento de um dos prédios que projetei. O meu feito de maior prestígio e exemplo, o primeiro grande abrigo para pessoas carentes da cidade. Agora, em sua maioria, mortas.

Planejava viajar o mundo com ela. Deixar tudo pra trás, só fazer decisões concretas futuramente, se é que um dia faria. Talvez eu seria um engenheiro civil ou um astro do rock, mas só talvez. Perdidamente apaixonados, iniciamos nosso trajeto na Bolívia, e um dia antes de partimos para nosso próximo destino, flagrei-a transando com o cara famoso que apresentava a previsão do tempo no maior jornal televisivo do país. O mesmo fez minha próxima namorada com um biólogo marinho, a próxima com o professor da escola da quadra ao lado, e a última eu não amei de verdade. Em algum momento eu contraí HIV e nem ao menos sei de qual foi. Tudo isso enquanto eu trabalhava fazendo bicos como jardineiro para uma elite hipócrita e mal educada.

Meus pais se divorciaram e eu tive que escolher com quem morar. Tudo o que eu queria era ir com minha mãe para a cidade grande, mas meu pai me pediu, hesitante, que ficasse. Não tinha mais ninguém. Estava tudo certo para eu ir com ela, mas não consegui deixar meu pai na mão. Alguns meses depois comecei a trabalhar na pesca com ele e por alguns anos tudo foi bem, muita

fatura e empresas se associando a nós. Mas nem tudo foi um mar de rosas. Certo dia nosso barco naufragou e meu pai foi dilacerado por um tubarão enquanto eu ganhava tempo para me afastar e subir em um pedaço de madeira. Juro que ouvi, em seguida, o canto das sereias ao longe. Pode me chamar de louco, mas eu ouvi. Em meio as lágrimas escorrendo pela minha cara inchada gritando pelo meu pai, me joguei no mar novamente e fui ao encontro delas.

Gostaria de poder dizer que tomei as decisões certas na minha vida. Tantas probabilidades escondidas que nunca chegam a ver a luz do sol, e o medo constante do futuro fazendo com que elas nunca se manifestem. E quando você pode ver todas as consequências de determinada ação antes de executá-la? O que realmente teria sido da minha vida sem essa maldição? Cada ação resulta em uma consequência e logo você precisa agir novamente e assim sucessivamente. Minha escolha foi não fazer uma escolha, e esse foi o meu maior erro.

Idas e vindas do vai e vem

Germinei em meio a uma transa entre dois desconhecidos num festival em homenagem ao Woodstock em 1979, dez anos depois do evento original. Dentro de uma Kombi extremamente colorida, almofadas em patchwork decoravam os bancos e tapetes de tricô repousavam por toda a superfície do chão, agora banhados de suor. Até os vidros da janela ficaram totalmente embaçados com o excesso de suspiros quentes. O exterior do veículo estava tão embarrado que mal dava para ver seus desenhos. Mas isso nem importava. As pessoas passavam e só conseguiam prestar atenção no movimento exacerbado de vai e vem da Kombi.

Olhos nos olhos e suor pingando em quem estivesse embaixo. Giravam, subiam pelas bordas das portas, arrastavam-se, caíam, riam.

- Qual seu nome? - uma gota de suor adentrou sua boca enquanto perguntava.

- Renata. E o seu? - arranhando suas nádegas.

- Gilberto. Pode me chamar de Berto - deu um sorriso de canto. - Bem...na verdade meu nome não é Renata, mas quem sabe eu te conte um dia.

- E o meu não é Gilberto...ou talvez seja, você nunca saberá.

Ambos riram e continuaram no ritmo frenético. Ele adorou os seios dela. Ela adorou a bunda dele. Seus pés acariciavam um ao outro enquanto seus cabelos se entrelaçavam. Gozaram.

Sentaram-se e conversaram sobre música. Ele ficou morrendo de inveja quando ela disse que havia ido no concerto do Led Zeppelin no ano anterior. Era a banda preferida de ambos. Pegaram a guitarra nos fundos da Kombi e tocaram, cantaram, cada um à sua maneira suas composições autorais. Até comentaram em juntar uma banda.

Ela pegou um copo de água e me regou, dando um sorriso ao ver que eu estava dando as caras para fora daquele montinho de terra pela primeira vez. Até me deu um nome - Célia.

Começava a anoitecer e eles se despediram. Vi ele saindo pela porta com os olhos cintilando. Não queria ir. Ela disse tchau e lhe beijou o rosto.

- Meu nome realmente é Gilberto.

- O meu é Hortência.

Homo sapiens: verdade ou mito?

- Deveria ter chamado outro cinegrafista. Corta! – a diretora já estava com o rosto vermelho e uma veia saltando na testa. Era um dia estressante para todos. Os atores oficiais não puderam comparecer e chamaram amadores da equipe para atuar. O cenário era feito de um material não muito denso, deformando-se com qualquer toque. Tiveram até problemas com autoridades oficiais no assunto, acusando-os de difamar pesquisas sérias em prol do entretenimento.

Aparentemente, as pessoas não queria investir muito em um documentário sobre humanos. O público estava interessado em programas cômicos e tragédias, ninguém ligava mais para seres mitológicos. É claro que eles teriam que dar um jeito de tornar a coisa mais polêmica.

- De novo, pessoal. Luz, câmera, ação! – a claquete bateu com força.

O ator bateu sua calda esguia rapidamente, chegando ao cenário de simulação de terra firme. No chão jaziam dois esqueletos humanoides, porém no lugar de caldas, pernas.

- Meu nome é Manoel, e eu estava nadando perto da terra firma quando avistei estes esqueletos – o ator disse sério, enquanto se aproximava das ossadas – de início fiquei confuso e assustado, imaginei que seriam pessoas normais como eu e você, descendentes do *Homo Sereius*. Chamei a polícia, um assassino poderia estar à solta, me mantive a distância. Assim que os oficiais chegaram, isolaram a área e outros especialistas foram requisitados. Só depois eu compreendi. Eram esqueletos de *Homo Sapiens*. Eu não conseguia acreditar no que via, não mesmo. Todas aquelas histórias passadas de geração em geração sobre humanos com duas pernas vivendo em terra firme, encantando os desventurados com seu canto. A verdade estava ali na minha frente, mas neguei a mim mesmo durante dias sobre o que vira.

Uma atriz vestida com um jaleco bege entrou em cena.

- Foi um grande choque. Eu e minha equipe fazemos pesquisas aprofundadas sobre evolução há anos e apenas tínhamos

teorias acerca desse tipo de vida. De repente, temos toda uma ossada humana para estudar.

- Corta! – respirou fundo dessa vez, tentando falar educadamente – Vocês estão fazendo um ótimo trabalho, mas eu quero ver mais emoção. Acabaram de descobrir que o *Homo sapiens* existe. Estão eufóricos e até um pouco assustados. Sejam reais.

As cenas rodaram inúmeras vezes até a diretora achar cada detalhe perfeito, e, na realidade, os atores atuaram de forma furiosa e agitada devido a pressão da gravação, o que ela percebera e vinha explorando até o limite. Após terminarem as gravações das cenas iniciais, partiram para outra parte importante do documentário: o suposto som captado no meio das florestas, esganiçado e irreconhecível. Bem, agora viria bem a calhar ser colocado como o som dos humanos terrestres. E com uma voz masculina e grave narrando a história ao fundo, seria sucesso.

Com tudo finalizado, a história “vazou” na mídia.

“INÉDITO, VOCÊ NÃO VAI ACREDITAR

Grande produtora lança documentário com cenas REAIS do *Homo sapiens*, comprovando sua existência.

Veja o teaser abaixo.

20162358 visualizações”

Missão transcendental

Caindo em meio a nuvens fofinhas, sons de dubstep e MPB misturavam-se em meio ao vapor. Sua pele preta contrastava com as nuvens, agora cavalcando em um cavalo tão escuro quanto seus cabelos. Sentia os pelos de seus braços amortecidos, abria os olhos e assistia o cheiro de carvalho.

O corpo paralisou quando atingiu o chão de uma gruta. O colar que carregava consigo bateu em seu rosto com força. Pingente de pedra azul, talvez lápis-lazúli. Comprou mais cedo de uma criança no campus de sua universidade. Ela não entendeu o que ele disse, parecia falar uma mistura de português de Portugal com Alemão.

Para qualquer lugar que olhasse, via pedras brilhantes. Tantas cores. Elas estavam se apagando aos poucos. Não! Não! Eram tão bonitas. E os seres que o habitam? Tanta vida. Alegria. Outras cavidades abriam corredores para outras grutas e salas com ainda mais belezas. Ela sentia a energia de todos aqueles seres banhando a superfície de seu corpo quente. Iria explorar mais tarde. Precisava se concentrar em sua missão. A criança tinha falado daquele momento mais cedo, ou pelo menos achava ter ouvido as

palavras “lights” e “misión”. Ele era o mensageiro, é claro. Sentia-se eternamente grata.

Abriu o olho e viu a criança. Sorriu. Perguntou seu nome. “mi nombre is Mikhail”. Ajeitou o seu chapéu de palha na cabeça e pediu que ela o seguisse. Sem pensar duas vezes, levantou-se e disse adeus para as pedras com um breve olhar.

O primeiro corredor era todo preto, achatado e largo. Insetos amarelos e iluminados corriam pelo chão, dando risadinhas. Alguns começaram a voar rente aos seus rostos e proclamar poemas fofos. Sua maior felicidade era arrancar sorrisos. Guiaram-lhes naquele emaranhado de escuridão até um novo universo.

Agora o corredor era mais alto, com lustres espelhados do tamanho de uma pessoa pequena. O chão não existia, mas ela demorou algum tempo para perceber. Quando percebeu, caiu. Uma montanha de gelo. Só gelo. Deslizou montanha abaixo por horas. Talvez um dia inteiro, o tempo era complicado ali. Mikhail esperava na base do morro e assim que chegou, não pode nem descansar quando o garoto começou a correr na superfície de um rio congelado. Do outro lado havia uma porta que era a entrada para o interior de outra montanha. Ok, parecia ser o lugar certo para ir.

Correu. Ou flutuou, não sabia ao certo. A gravidade ali também era complicada.

Deram de cara com um dragão de chocolate assim que abriram a porta. Foram atacados com baforadas de banho-maria e correram de um lado para outro em desespero. Como derrotar o monstro? Dizem que os amuletos têm as respostas.

Olhou para a pedra azul que agora brilhava ao toque de seus dedos.

Percebeu que escritas em glitter haviam surgido no exterior da pedra. Era uma pergunta: “o que você mais gosta de comer?”

Então ela soube. Deu um sorriso e subiu as paredes até ficar na altura da cabeça do monstro. Pulou no bicho e começou a devorá-lo como se não comesse há dias. Engolia sem mastigar, até não sobrar mais nada além de seus pulmões de chocolate fervilhando sem poder liberar o banho-maria. Logo afrente, uma cachoeira. Sublime e colorida. Cheirosa e resplandecente. O líquido desceu sua garganta abaixo. É claro, aquele era o seu universo, e para mantê-lo vivo, precisava manter-se hidratada com o néctar.

Deitaram no gelo que agora estava morno, e afundaram juntos de mãos dadas. Seu rosto afundava dentro de seu próprio rosto. Ali eles ficaram, sentindo o vácuo da presença absoluta. Era

hora de voltar. Sempre é necessário voltar. Apertou a pedra do colar com força.

As pedras brilhantes continuavam lá, os lustres espelhados também. Até as paredes de gelo. Mas agora havia um chão e rostos conhecidos. Estava acostumada. As vezes demora para o universo esvaecer totalmente.

Laços de sangue

- Rá! Venci! Falei que eu era melhor na beyblade – diz Roger com os punhos fechados e os braços para cima comemorando.

- Ah, não vale, a tua cordinha é bem maior! Vamos jogar futebol agora – fala Leo, emburrado.

Dirigem-se para o lado mais afastado do quintal quando são interrompidos pelo chamado da mãe de Roger.

- Vem pra casa Roger, a janta já vai esfriar! – a silhueta de Dona Paula destaca-se no vão da porta dos fundos da casa.

- Ah mãe, agora que a brincadeira tá ficando boa...janto depois.

- Já passou das 19 horas, não adianta fazer birra, vai entrar já pra dentro!

Com feições tristes, combinam de se ver na tarde do dia seguinte para jogar futebol. Roger entra pra dentro da casa e Leo vai

embora pelo portão. Paula olha para o estado lamentável do filho, coberto de lama até os joelhos e cabelos desgrenhados.

- Vai tomar um banho garoto, filho meu não janta sujo – diz Paula, gesticulando com o pano de prato em mãos.

Após o banho, Roger volta a cozinha. Senta-se à mesa e devora uma coxa de frango com as mãos.

- Garfo e faca servem para quê? Parece um bicho do mato – bate na mão de Roger para o frango cair, colocando os talheres em suas mãos.

No mesmo instante o pai chega em casa. Joga a maleta no sofá e senta-se à mesa sem dizer uma única palavra. Faz seu prato e come olhando a pequena televisão no canto da cozinha, reclamando alto sobre o governo corrupto.

Na janela, olhos atentos e pequenos observavam cada movimento dentro da casa. Não pisca, não possui pálpebras e encara o homem e a mulher até o momento que se deitam. Ninguém o vê, já esta tarde. Deita na varanda da casa e descansa.

Roger toma coragem e levanta para falar com o pai no meio da madrugada.

- Pai, depois é dia de pai e filho na escola, é pra você ir lá comigo. Vai ter gincana, comida e no final a gente pode até fazer um cartaz, e também... – para abruptamente com a interrupção da voz do pai.

- Ah filho, tô cheio de relatórios para entregar no trabalho, não sei se vai dar tempo de eu ir. Mas vou tentar, talvez eu chegue na metade da festa.

O filho sorri e corre para o quarto novamente. Quando acorda, mais cedo que o normal, arruma-se rápido e vai para a escola a um quarteirão dali. Foi um dos primeiros a chegar e é o único desacompanhado. Aguarda por 3 horas e o pai não chega. Mais 1 hora se passa e o evento já está sendo encerrado. Vai embora rasgando a carta que iria lhe entregar, jogando os pedaços pelo caminho indo em direção ao campinho de futebol.

- Eu odeio meus pais! Minha mãe não deixa eu fazer nada e eu fiquei sozinho lá na escola esperando meu pai pra gente fazer

cartazes e ele não foi. Ele nunca faz nada comigo. Eu só queria ter outros pais, eu odeio odeio odeio eles! – Roger grita com a cara vermelha, chutando com força a bola no campinho de futebol.

Leo olha pra ele sem reação, correndo atrás da bola que foi parar do outro lado do campo.

- Eles parecem ruins mesmo – diz Leo ao voltar com a bola para perto de Roger.

- Sim, eu quero que eles sumam, você é a única pessoa que gosta de mim. A gente deveria morar juntos, brincar o dia inteiro, comer chocolate o tempo todo, sem ninguém mandar na gente.

- É sério? – os olhos de Leo brilham.

- Mas meus pais nunca deixariam...é por isso que eu odeio eles.

Jogam por algumas horas e se despedem quando começa a escurecer.

- Tenho que voltar senão eu fico de castigo – Roger pega sua bola, despedindo-se do amigo.

- Mas quando a gente vai morar junto? Temos que dar um jeito, seus pais são ruins.

- Não adianta, Leo – sai cabisbaixo.

Chega em casa, ouve os sermões diários da mãe e tem que lidar com a indiferença do pai, que nem se desculpou ou sequer disse algo para melhorar a situação. Corre para o banho, janta rápido e vai dormir, dessa vez sem dizer uma única palavra a sua mãe, nem ao pai.

Enquanto os pais dormem, são observados pelos olhos sem pálpebra. A perna fica dormente e ele coça sua carne purulenta sem tirar o olhar dos dois. Lambe os lábios ásperos e deita a cabeça no suporte da janela, acariciando o vidro com os dedos finos.

As 3 da manhã, Roger ouve barulhos estranhos vindo de algum cômodo da casa. Abre os olhos e fecha novamente, sonolento. Os barulhos persistem, ficando mais intensos. Então se levanta e anda em direção a porta. Quando está prestes a abri-la, o barulho cessa por completo. Volta para a cama e dorme até a manhã seguinte.

O despertador toca às 8 da manhã. Roger levanta e veste o uniforme escolar um pouco sujo devido ao jogo de futebol do dia anterior. Pega sua mochila e a pendura em apenas um dos ombros, dirigindo-se à cozinha. Chegando lá, não vê o café da manhã pronto na mesa.

- Agora até ela tá esquecendo de mim – diz para si mesmo, indo até o quarto dos pais. Bate na porta – mãe, meu sanduíche!

Não há resposta. Abre a porta subitamente e vai até a cama acordar os pais. Arregala os olhos e grita ao ver o pescoço de sua mãe serrado até a metade com a sua corda de beyblade pendurada. Olha em seguida para o pai, com o tórax totalmente afundado por sua bola de futebol. Ambos têm fitas pretas cobrindo-lhes a boca e os braços presos na cama. Vira-se e sai correndo, chorando e gritando.

Espera-o na sala com uma bandeja de café da manhã. Parte de sua carcaça de criança jaz no chão, rasgada e malcheirosa. Agora possui uma forma que não emergia a muito tempo na frente de alguém. Esquelética, purulenta, fétida. Vê a silhueta de Roger, que acabara de chegar na sala de estar. Sorri.

Um cruzeiro chamado 0 Looping da Diversão

A noite chega e ela começa a se arrepender de não ter transferido sua passagem de cruzeiro para outra pessoa. Ganhar aquela promoção foi legal, mas havia esquecido como se sentia agoniada e enjoada dentro de navios. Era como estar em um berço demoníaco e ser um bebê indefeso.

Laura senta no convés, respirando fundo e contando até dez pela quarta vez só naquele dia quando é interrompida violentamente por uma quebra no espaço-tempo (da forma que conhecemos). Demora algum tempo para perceber, mas nota algo estranho: a cada meio minuto, as pessoas repetem exatamente o que haviam acabado de fazer no meio minuto anterior. No início, acha que aquilo é tipo um flash mob e que há uma câmera escondida em algum lugar, porém nota que os movimentos são perfeitos demais para serem performados. Até mesmo a espumante servida na taça da moça ao seu lado cai sempre da mesma forma.

Levanta e se dirige até um homem muito queimado do sol para perguntar se ele nota o que está acontecendo. Se não der certo, poderia apenas ver como seria sua relação com o ciclo agora que faria parte de um momento dele. Será que faria parte daquela loucura? Precisa tentar. Porém, algo acontece e Laura se desespera de vez. É como se ela fosse invisível e muda. Ninguém a responde, nem a vê. Não consegue tocar em ninguém. Não consegue tocar nos objetos. É repelida como se fosse um ímã positivo e tudo ao seu redor também.

Tenta raciocinar sem deixar o nervosismo tomar conta. Percebe então que está andando, portanto consegue tocar o chão. Suas roupas. As paredes do navio. Ok, já é um avanço. Talvez poderia ir para a cabine de controle direcionar o navio para terra firme, já que ninguém poder impedi-la mesmo e não sabe mais o que fazer.

Vai até o gigantesco mapa do navio próximo a piscina e acha rapidamente a cabine. É um caminho rápido, chegaria sem dificuldades. Corre até lá e olha aquele monte de botão e alavancas, tentando distinguir as palavras apagadas embaixo de cada um para

saber o que fazer. Naquele emaranhado, encontra a alavanca que controla a direção do navio e um mapa eletrônico ao lado. Empurra-a para a esquerda e aguarda, a estimativa era de 20km até atingir terra firme.

Nota que o navio aos poucos está navegando para o outro lado e já passara mais de meio minuto. Ele continua na direção que ela o colocou, sem fazer parte daquele ciclo infernal. Sorri aliviada e senta no banco vazio do lado de fora da cabine. Aguarda e observa as pessoas no corredor. Pensa que aquilo a qualquer momento iria cessar, pois o intervalo entre os loopings estava ficando cada vez maior. Logicamente logo não haveria mais.

Sente uma forte pressão no ouvido e é jogada do banco para o chão. Todos ao seu redor também caem. O looping cessou. O navio começa se curvar e o chão a rachar. As duas metades do chão se separam e inclinam-se para lados opostos em 90°, jogando todo mundo para as extremidades do navio. A voz aguda nos autofalantes diz:

“Todas as medidas necessárias serão tomadas para que todos saiam em segurança. Pedimos calma e paciência. Todas as medidas necessárias serão tomad...”

As pessoas se agarram em tudo o que veem na frente para não serem jogadas para o outro lado, algumas sem sucesso. Pessoas caem em todas as direções, algumas sendo esmagadas por móveis pesados e outras caindo metros em queda livre até o lado oposto. Laura segura-se no peitoral de uma janela, desnorreada. Abre os olhos pela primeira vez desde que se segurara ali e vê uma pedra gigantesca ao seu lado, quebrando o navio ao meio. Aquele era o motivo de ter entrado para o sorteio do cruzeiro, contemplar a famosa Balls Pyramid no Oceano Pacífico Australiano. Porém não daquela forma.

A parte de seu corpo que está do lado de fora da janela é esmagada a medida que sua metade do navio afunda. Com os olhos semicerrados, observa os últimos fios de vida jogados pelos cantos. Metade já afundara e parte de seu corpo fora arrancada.

Laura continua sentindo-se enjoada com o balanço do navio em outros universos paralelos, mas nada se compara ao enjoo que sente naquele.

O fabuloso caso da menina moreego

Sonha em vestir-se com nuvens e trovões.

Cantar para os aldeões no topo da montanha mais alta.

Daquela gruta não sentiria falta.

Beijar sem machucar.

Dançar sem causar alvoroço.

Ver sem precisar matar

Nem correr para qualquer pescoço.

Beber um licor no bar mais caro.

Flertar com os bonitões.

Um volume a mais em suas calças

Soltando os botões.

A única plateia das asas pretas aveludadas

Era o limo da gruta.

Ele não corria, nem se assustava.

Batia palma quando ela cantava.

Se apaixonara.

Porém, ela queria o mundo.

Saia todo dia por um segundo.

Queimando-se por um breve triunfo.

Mil e uma utilidades

Adalberto chegou naquele quarto desconhecido, fechou a porta com violência e sentou no chão. Apreensivo, precisava encontrar alguma arma. Olhou rapidamente tudo ao seu redor, deixando-se demorar mais naquele objeto com formas desconhecidas feito de madeira entalhada. Não tinha certeza, mas supôs que fossem desenhos indígenas. Pegou-o em mãos e sentiu aquele objeto comprido e curvo gosmento em suas mãos. De primeira, sentiu repulsa. Mas poderia ajudar naquela situação. Não pode deixar se de indagar: seria aquilo um consolo bizarro, passado de geração em geração por uma família indígena? Ou alguma arma? Bem, poderia ser algo para pegar frutas dos galhos mais altos ou apenas um coçador de costas. Adalberto achou que jamais descobriria.

Esperou até que a porta fosse arrombada e golpeou aquele homem desgraçado até que desmaiasse, deixando a gosma do objeto impregnar naquele corpo por inteiro. O que mais lhe intrigou é que parecia que a fonte daquela coisa viscosa era o objeto em si. Quanto

mais o golpeava, mais gosma surgia em sua superfície. Que merda era aquela? Resolveu levar consigo, poderia ser útil.

1 INT. ESTÚDIO JORNALISTICO - NOITE

ÂNCORA JORNALISTICA (40), mulher usa um terno amarelo claro. Vídeos de um meteorito caindo em uma floresta são projetados ao redor das paredes do estúdio futurístico.

ÂNCORA

O meteorito caiu na remota praia de Icarai de Amotada, no Ceará. Ninguém ficou ferido, porém a colisão causou um grande desastre na fauna riquíssima...

"Esmerelda"

Um roteiro

De

Julia Jaros

Programa interrompido com a transição de um canal de TV para outro.

2 EXT. ICARAI DE AMOTADA - dia

REPÓRTER, homem, usa terno azul fazendo uma matéria no local do desastre.

REPÓRTER

...mata explorada. As substâncias encontradas pelos cientistas nos nichos do meteorito apresentam propriedades desconhecidas. Por questão de segurança, estão sendo mantidas em quarentena enquanto estudos mais precisos são elaborados.

Programa novamente interrompido com a transição de um canal de TV para outro.

3 INT. PROGRAMA DE ENTREVISTAS - NOITE

Uma APRESENTADORA entrevista dois convidados, um CIENTISTA e um RELIGIOSO. O estúdio possui dois sofás e uma cadeira entre elas, onde fica a apresentadora.

RELIGIOSO

...falácias e mais falácias é tudo o que vocês saber falar!

Apontava o dedo para o outro convidado.

CIENTISTA

Temos os nossos maiores especialistas na área estudando o assunto. Nada será divulgado até novas descobertas.

Levantou do sofá e saiu do estúdio.

4 EXT. ICARAÍ DE AMOTADA - DIA

ENTREVISTADOR fala com pessoas das redondezas.

ENTREVISTADO

(Mostra um vídeo de seu celular para a câmera)

Olha só cara, o meteorito tem o formato de uma pomba caindo dos céus, isso foi insano.

Ouvi algumas pessoas mais velhas gritando "finalmente, está acontecendo" e abraçando-se entre si lá na minha rua (risos). Mas agora falando sério, a gente corria risco de vida lá e elas comemorarem me deixou puto.

Uma pessoa fantasiada de pomba gigante saí em meio as árvores atrás deles. Risadas de sitcom são ouvidas ao fundo.

A tela transita do programa para a TV desligando.

5 INT. SALA DE REUNIÃO - DIA

Duas mulheres e dois homens reunidos ao redor de uma mesa redonda e prateada. As paredes da sala são todas de vidro. LUÍZA (40), cabelos levemente grisalhos, é branca e possui estatura mediana. PAULA(35) membro da OMS, é alta, negra, possui cabelos curtos e alargadores medianos nas orelhas. HENRIQUE(30), bronzeado e com cabelos abaixo dos ombros, estatura alta. Por fim, OLIVER (55) membro da OMS, estatura mediana e cabelos curtos, possui uma tatuagem de lágrima no canto de seu olho direito. Todos estão vestidos no estilo casual chic. Paula segura o controle da TV e coloca-o na mesa. Distancia-se da tela e senta-se com os demais.

PAULA

Tudo o que for falado aqui é confidencial. Peço que desliguem seus celulares e ouçam com atenção. É do conhecimento de todos vocês que esta reunião é convocada apenas em caso de ameaça à saúde mundial. Ontem, exatamente as 22:36, parte da substância desconhecida que os cientistas apelidaram de "Pomba Esmeralda" foi furtada. Ainda não há suspeitos e a investigação está estagnada.

OLIVER

Nós da OMS (Organização Mundial da Saúde) já decretamos estado de alerta em todas as nossas unidades, pois a substância foi considerada extremamente nociva aos seres humanos.

Luíza e Henrique digitam nos notebooks robustos a suas frentes.

PAULA

Apenas as autoridades foram alertadas sobre o ocorrido, porém em poucas horas a história vazou na mídia. Nas câmeras de segurança podemos ver que o grupo responsável invadiu

o local usando máscaras com o seguinte símbolo.

Pega o controle em cima da mesa e mostra uma imagem na TV.



OLIVER

Isso é um escaravelho, símbolo egípcio que em sua cultura simbolizava a ressurreição. Seja esse grupo o que for, fazem parte dos extremistas religiosos que estão difundindo a crença de que a Pomba Esmeralda é o que o nosso planeta estava precisando, algo divino devido ao formato de pombo do meteorito... Se a substância for liberada, será um caos total. Não sabemos os danos que pode causar.

LUÍZA

(Recebendo dados no computador)

Temos os nossos melhores agentes trabalhando no caso. Aparentemente, não há registro de nenhuma organização religiosa que utiliza desse símbolo nos últimos tempos, mas está sendo bastante divulgado nas redes sociais como a marca do movimento #esmereldanospertence. Se tornou um dos assuntos mais comentados há pouco mais de 15 minutos.

Todos se entreolham.

HENRIQUE

(Agitado)

Não...Não! A Esmerelda foi colocada no centro da Av. Paulista. Aqui tem vídeos ao vivo.

Vira o notebook na direção dos três. O vídeo mostra a substância dentro do vidro ainda intacto repousando em cima de uma pilastra. Cada vez mais pessoas se juntam em círculo ao seu redor. Um lado segurando cartazes em apoio a disseminação de Esmerelda, enquanto a oposição fica no outro. Novos vídeos começam a aparecer na tela: pessoas ao redor do mundo indo as ruas com cartazes, tanto em oposição quanto a favor. Os policiais locais começam a conter os manifestos, e na tentativa de

dispersar as pessoas, fazem o vidro ser estilhaçado com uma bala de borracha.

LUÍZA

Vou mandar a base especializada da nossa equipe mais próxima para lá imediatamente.

Aparece novamente o vídeo na Av. Paulista. Parte da manifestação corre para perto da substância, enquanto o restante corre para longe. Pessoas são pisoteadas. O grupo em apoio espalha a substância entre si, sorrindo e fazendo orações em nome de escaravelho.

HENRIQUE

(Aproximando-se da tela incrédulo)

Eles disseram escaravelho? Como assim? Não imaginei que chegariam ao ponto de orar por um símbolo que acabaram de conhecer.

Todos olham pasmos para a tela, com a exceção de Luíza que liga para sua equipe. No vídeo, as pessoas sentam-se no chão, passando a substância na testa de um em um.

CUT TO:

Ruas ao redor do mundo lotadas de pessoas. Guerras.

CUT TO:

Dois anos depois. Cada continente é mostrado rapidamente, colorido partes em azul e outras em vermelho, assim como pequenas partes em branco nos extremos de alguns países. Aproxima-se da parte em branco no sul da Argentina, até chegar em um galpão no nível subterrâneo. O lugar possui prateleiras altas lotadas com diversos enlatados, a maioria já usados. Seis pessoas quietas residem no galpão, uma dela é a Paula e seu filho FELIPE (7), sentados em barris no canto do local.

6. INT. - GALPÃO SUBTERRÂNEO - INDEFINIDO

PAULA

(Ensinando o conteúdo de um livro ao filho)

Ok, acabamos com a parte do português. Agora vamos a história.

O garoto dá um sorriso empolgado, sem mostrar os dentes. Em seguida, expressão confusa.

FELIPE

Eu estava pensando ontem antes de dormir. Quem vai escrever os livros de história no futuro? Todos lá em cima estão machucando uns aos outros. Será que vai sobrar alguém?

PAULA

Isso eu não sei, filho. As pessoas estão machucando umas às outras muito mais do que o vírus. O homem é a epidemia de si mesmo, e ele conta isso nos livros em forma de vitória.

FIM.